

Incerteza e complementaridade de opostos na série de reportagens “Um Mundo de Muros”

Carolina Moura Klautau

Resumo:

“Excluídos: à beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera” é uma das reportagens da série “Um mundo de muros” publicada pela *Folha de S.Paulo* em 2017 e idealizada por Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida. Por meio dela, estudaremos a relevância na narrativa jornalística da incerteza e da complementaridade de opostos para a compreensão – e não explicação – do mundo. Por compreensão, entendemos a contextualização, inclusão e abraço de diferentes saberes para o entendimento dos fenômenos. Pensamos incerteza e complementaridade de opostos como formas de conhecimento que, quando assumidas no jornalismo, nos deixam mais perto de captar a complexidade de nosso contexto histórico porque ele próprio é incerto e com opostos que mais se complementam do que se anulam. No terreno do jornalismo, nos baseamos nos estudos de Cremilda Medina e Dimas Künsch. E Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos e Reginaldo Prandi são os autores que nos ajudam a trabalhar as noções de incerteza e complementaridade de opostos.

Palavras-chave: Jornalismo. Complementaridade de opostos. Incerteza.

Uncertainty and complementary opposites in the journalistic series “Um Mundo de Muros”

Abstract:

“Excluídos: à beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera” is part of the journalistic series “Um mundo de muros” published by *Folha de S.Paulo* in 2017 and conceived by Patrícia Campos Mello and Lalo de Almeida. Through this feature, we are going to study the importance of uncertainty and opposites complementary for the journalistic narrative and world’s comprehension – and not explanation. By comprehension, we understand the contextualization and the inclusion of different knowledges for the phenomena understanding. Uncertainty and complementary opposites are thought as different ways of knowledge that, when assumed in journalism, help us to capture our historical context complexity, uncertain by itself and made of complementary opposites by nature. In the journalism’s field, Cremilda Medina and Dimas Künsch are our main references. In addition, Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos and Reginaldo Prandi we will lead us to understand uncertainty and complementary opposites.

Keywords: Journalism. Complementary opposites. Uncertainty.

Recebido em: 22.08.20

Aprovado em: 29.01.21

**Carolina
Moura Klautau**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Docente do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: carolklautau@gmail.com

Estudos em Jornalismo e Mídia
v.18, n.1, jan./jun. 2021.
ISSNe 1984-6924

*Eu tô te explicando pra te confundir
Eu tô te confundindo pra te esclarecer
Tô iluminado pra poder cegar
Tô ficando cego pra poder guiar*
Tom Zé

Os muros no meio do caminho

É lisabeth Vallet é professora do Departamento de Geografia da Universidade de Québec, no Canadá, e diretora do centro de estudos sobre geopolítica da Instituição. O livro *Borders, fences and walls: state of insecurity* (2014), organizado pela pesquisadora, tornou-se uma referência no estudo sobre os muros e cercas que separam países e culturas ao redor do mundo. A pesquisa foi iniciada em 2003, ao lado de Zoe Barry e Josselyn Guillarmou, e os resultados foram considerados surpreendentes.

Em entrevista a Patrícia Campos Mello, repórter da *Folha de S.Paulo*, Vallet assume que sua hipótese de pesquisa era de que haveria uma diminuição na construção de barreiras físicas que separavam países após a queda do Muro de Berlim em 1989 e que esse processo seria acelerado pela globalização. Quando os estudos começaram, no entanto, sua descoberta foi de que a construção de barreiras físicas estava cada vez mais acelerada, antes mesmo de um acontecimento marcante na história contemporânea: os ataques de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas em Nova York, nos Estados Unidos. Em 1991, existiam 15 muros no mundo; atualmente, são mais de 70 – a maioria deles com o objetivo de conter imigrantes.

Concluímos que os atentados de 2001, da mesma maneira que a Primavera Árabe [iniciada em 2010], tinham sido um acelerador para a multiplicação de muros, mas não um desencadeador. O fator real foi a globalização, a maneira como ela mudou as estruturas econômicas, como muitas pessoas sentem que não têm o menor controle sobre suas próprias vidas. O fator desencadeador, o gatilho para a multiplicação de muros foi essa reação contra a globalização e a crise de identidade ligada a isso. (VALLET, 2017, s.p.).

A questão da identidade nacional é um conceito moderno, segundo José Luiz Fiorin (2009). Sua construção começa no século XVIII e atinge a plenitude no século XIX – antes disso, o sentimento de pertencimento estava muito mais relacionado a “um sentimento dinástico”. (FIORIN, 2009, p. 116). Desde então, para a constituição de uma nação é necessário haver uma história de envolvimento com seus ancestrais, com heróis que representam os valores nacionais, uma língua comum, aspectos simbólicos compartilhados (como os monumentos culturais e o folclore), lugares de referência, uma paisagem característica, representações oficiais (hino e bandeira, por exemplo) e costumes específicos. Com esses atributos desenvolvidos e compartilhados, há a formação da identidade nacional.

Há duas formas de gerir a cultura dentro de uma nação: pelos princípios de exclusão e de participação, de acordo com Zilberberg e Fontanille, citados por Fiorin (2009). Na primeira, há a tensão entre o “exclusivo” e o “excluído”, quando a relação entre os valores diferentes atinge seu ápice. No segundo, é a mistura que operacionaliza as relações e leva ao confronto entre “o igual e o desigual”. Ou seja: “há dois tipos fundamentais de cultura: as da exclusão e as da participação, ou, em outras palavras, as da triagem e as da mistura.” (FIORIN, 2009, p. 118). Enquanto uma tem a tendência a limitar a movimentação da cultura, a outra favorece o andamento cultural, respectivamente.

Um exemplo da cultura do tipo de exclusão pode ser encontrado no próprio Brasil, segundo Kabengele Munanga em seu livro *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (1999).

No nosso entender o modelo sincrético, não democrático, construído pela pressão política e psicológica exercida pela elite dirigente [no Brasil] foi assimilacionista. Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de manifestar-se em oposição à chamada cultura nacional. [...] O que teve como consequência a falta de unidade, de solidariedade e de tomada de uma consciência coletiva, enquanto segmentos politicamente excluídos da participação política e da distribuição equitativa do produto social. (MUNANGA, 1999, p. 103).

No Brasil, então, a pluralidade de culturas funcionou mais como “um jeito de evitar conflitos abertos e adiar-se a busca de soluções”. (MUNANGA, 1999, p. 105). O que vemos é triagem, exclusão e tentativas de limitação da cultura, portanto, às vestes, de um discurso agregador. A perspectiva da cultura brasileira como um exemplo de tensão entre o excluído e o exclusivo (FIORIN, 2009) está posta na reportagem de Mello e Almeida (2017).

É como uma forma de proteger as identidades nacionais que os muros estão sendo construídos, na tentativa de minimizar o sentimento de que as pessoas “não têm o menor controle sobre suas próprias vidas”. (VALLET, 2017, s.p.). As barreiras, então, são um ensaio de erguer alguma certeza em um terreno incerto. “As pessoas têm a sensação de que é fácil fortificar suas fronteiras e que isso vai protegê-las das ameaças e riscos globais” porque “os muros e as cercas nas fronteiras são uma resposta visível e fácil para essas inseguranças da população”. (VALLET, 2017, s.p.) – mesmo que não funcionem, como a pesquisadora e suas colaboradoras concluem em seu estudo.

Quem passa pela Rodovia dos Imigrantes em São Paulo, mais precisamente pelo quilômetro 58,5, talvez já tenha vivenciado uma sensação de estranheza no local. De repente, ergue-se um mundo que impede que motoristas enxerguem o que está ao lado de lá da Rodovia. Pensamentos do tipo “o que há do lado de fora?”, “porque só existe um quilômetro de muro?”, “por que ele está exatamente neste ponto do caminho?” e uma curiosidade enorme podem tomar conta de quem transita pela Imigrantes.

Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida vão em busca dessas respostas e escrevem a reportagem “À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera. Milhões passam diante da Vila Esperança, seus desempregados e seu esgoto aberto, mas, graças à gestora da rodovia dos Imigrantes, não a veem”, publicada no dia 24 de julho de 2017.¹ A repórter e o fotógrafo descobrem que o muro atravessou a cidadania e a esperança de uma vida digna para milhares de moradores e moradoras do local.

Vila Esperança, localizada em Cubatão, é a maior comunidade da Baixada Santista e possui mais de 25 mil habitantes. Em 2016, a vida de quem vive lá foi radicalmente transformada quando um muro de um quilômetro de extensão, três metros de altura e 25cm de espessura foi construído no trecho Anchieta-Imigrantes pela Ecovias, concessionária da Rodovia, separando a população de Vila Esperança de quem trafega pela pista. A justificativa para a existência da barreira foi a necessidade de proteger os usuários e usuárias da Imigrantes dos assaltos cometidos por quem mora na comunidade. Mello (2017) observa que os excluídos e excluídas após a construção do muro são filhos, filhas, netos e netas daqueles operários que trabalharam na construção da Imigrantes, no início dos anos de 1970.

De acordo com dados do Censo de 2010 do IBGE, cerca de 10% da população de Vila Esperança não possui renda e apenas 24% de quem vive lá concluiu o ensino médio. Descendentes dos operários que construíram a Rodovia sobreviviam, majoritariamente, do comércio ambulante que era bem mais rentável durante os congestionamentos na Imigrantes. Também era nesse momento que a Ecovias afirmava que a maior quantidade de assaltos ocorriam. Se por um lado

¹Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

os assaltos diminuíram com a construção do muro, por outro, houve maior isolamento da comunidade.

Na reportagem são narradas as histórias de quatro moradores e moradoras de Vila Esperança que estão ficando cada vez mais cercados e cercadas pela pobreza, insegurança, falta de saneamento básico e pelo desemprego: o secretário de Assistência Social de Cubatão e líder comunitário, Sebastião Ribeiro, o “Zumbi”; Luzia Gonçalves da Silva, comerciante; Alexandre de Lima, o “Xambito”, um jovem desempregado; e a vendedora ambulante, Elza Maria da Silva.²

Essas e outras histórias de vida representam as incertezas e a complementaridade de opostos presentes no dia a dia de quem mora em Vila Esperança. E é preciso saber lidar com elas para sobreviver e para narrar a complexidade do cotidiano.

Epistemologia da compreensão

Comprehendere, “compreender” em latim, significa “abranger, abraçar ou pegar junto”. (KÜNSCH, 2005, p. 46). Uma epistemologia compreensiva pode ser traduzida como uma tentativa de aproximar diversas formas de conhecimento, sem hierarquias, “cada uma a seu modo, com sua verdade própria e com os seus limites e suas mazelas, no mundo físico e humano, incluindo o mundo dos fatos e situações do presente.” (KÜNSCH; KLAUTAU, 2017, p. 4) – esse último, terreno onde o jornalismo opera. Nesse sentido, a epistemologia da compreensão dialoga com aquilo que Edgar Morin entende como “princípios do conhecimento pertinente”. (MORIN, 2001, p. 36).

A atitude compreensiva, em seu sentido cognitivo, caminha junto a algumas formas de pensar o conhecimento que renunciam às certezas, à ideia de que a Ciência é a única forma de apreender o mundo e de que existe uma hierarquia dos saberes – ideias essas, aliás, muito caras ao método positivista de Auguste Comte que classificou os conhecimentos de acordo com uma ordem de “importância”: primeiro, a matemática e a astronomia; depois, a física e a química; e, por último, a biologia e a sociologia. (COMTE, 1996). A compreensão está muito mais “afeta a” (MEDINA, 2003) trans e interdisciplinaridade do pensamento da complexidade (MORIN, 2015) e ao paradigma emergente de Boaventura de Sousa Santos (2008a). A epistemologia da compreensão é uma saída possível para aquilo que vem sendo chamado de “crise de paradigmas” ou, como preferimos, “crise dos modelos explicativos”. (KLAUTAU, 2018, p. 37).

A tentativa de compreensão é diferente da tentativa de explicar algo. A primeira se interessa mais por “construir pontes” (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p. 3) lá onde o conhecimento foi anteriormente “picotado” (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p. 2) ou fragmentado.

A compreensão como método incita a abrir bem os olhos para, mais uma vez, perceber a multiplicidade de formas de que dispõem os humanos de ver o mundo e a vida, de produzir sentidos, de narrar e de buscar se orientar no mundo, como resultado desses processos, sempre muito variados, de se aproximar dos fenômenos. Nesse vasto mundo desafiadoramente compreensivo, mais vale perguntar e perguntar que responder, definir e conceituar. (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017, p. 11).

A proposta de uma epistemologia compreensiva é colocar os diversos saberes para dialogar entre si (arte, mitologia, filosofia, ciência, entre outros), valorizando as diferenças de pontos de vista entre eles (especialmente daqueles que possam parecer opostos, como ciência e religião, por exemplo), convidando-os a integrar uma roda de conversas da pluralidade dos saberes (MEDINA, 1991), que busca levantar mais perguntas fortes do que respostas fracas (SANTOS, 2008b). Como sugere Susanne Langer (2004), não são as respostas que marcam o pensamento de um tempo e sua cultura, mas as boas perguntas. Enxergar o mundo sob um olhar compreen-

²As outras fontes entrevistadas são: Ademário Oliveira, prefeito de

Cubatão; Tenente Vanessa Fernandes, oficial do 1º Batalhão de Policiamento Rodoviário; Mariana Salgado, dentista; Silvia Mari Azuma, coordenadora de licenciamento ambiental da Rumo; representantes da Ecovias (por meio de nota).

sivo é saber que sempre existem “mais interrogações e vírgulas” e “menos pontos finais”. (KÜNSCH, 2009, p. 41).

Dentro do abraço de ampla envergadura que a epistemologia da compreensão possibilita, há espaço para as noções da incerteza e da complementaridade de opostos, tão apreciadas pelos mitos, pela arte, pela filosofia e pelas religiões de diversas partes do mundo, há milhares de anos (KLAUTAU, 2018). As duas noções fazem parte “de um mundo e de um pensamento dialógico, aberto, ora fascinado ora sob o efeito terrível do assombro e do medo”. (KÜNSCH *et al.*, 2017, p. 16). A ciência, por outro lado, passa a olhar para as duas noções com mais atenção somente a partir do século XX, por conta das descobertas da física moderna, como atestam Fritjof Capra (2013) e Marcelo Gleiser (2006). A epistemologia da compreensão sugere que o conhecimento parece ter mais possibilidades de diálogos do que exclusões.

Incerteza e opostos em diálogo

Se a academia ou a ciência, mais especificamente a física, tem descoberto do século XX para cá que é possível conversar com a incerteza e com a complementaridade de opostos após as descobertas do mundo subatômico (CAPRA, 2013; GLEISER, 2006), outras formas de conhecimento do mundo já se relacionavam com essas duas noções há milhares de anos. Para exemplificar como esse diálogo se dá, vamos visitar as religiões de matriz africana.³

Na contracapa de *Mitologia dos orixás* (2001b), de Reginaldo Prandi, Antônio Flávio Pierucci (2001) considera a complementaridade de opostos um tema recorrente a todas as narrativas míticas:

Se a luta perene entre luz e trevas é um tema básico da mitologia em geral, na própria estrutura narrativa mítica se encontra essa paradoxal unidade de clareza e escuridão, de algo que se oculta ao mesmo tempo que se mostra, como o universo que habitamos, vasto e interminável jogo de esconde-esconde. Mitos são histórias contadas para desvendar mistérios, mas fazem parte de um saber cultivado pelos antigos e que é secreto em grande parte. Saber iniciático reservado a poucos, o mito fala por símbolos e enigmas, por imagens e parábolas – para entreabrir, não para escancarar. Em narrativas muito além de apenas fantasiosas, os mitos explicam sem dizer tudo. Como os apocalipses, eles são feitos para revelar, tapando. (PIERUCCI, 2001, n.p.).

Ilustrando a afirmação de Pierucci (2001), em algumas religiões e mitologias de matrizes africanas, como entre os antigos iorubás (grupo étnico-linguístico da África Ocidental), encontramos a figura de Exu: um ser encarregado de ligar o mundo dos homens e mulheres que habitam a terra e o mundo dos deuses, das deusas e de orixás – ligação, portanto, entre Aiê e Orum, respectivamente.

É Exu quem leva ao Orum as oferendas (comidas, bebidas, vestes, adornos e diversões) e faz a comunicação entre os seres humanos e os orixás e as orixás – entidades que são parte da família e fundadores de antigas linhagens de africanos e africanas – em troca de proteção, ajuda e de conferir identidade aos seus descendentes humanos. (PRANDI, 2001a). Por conta disso, Exu é um ser de ligação. É o orixá da comunicação.

Na mitologia iorubá, a sua figura é uma das representantes da noção da complementaridade de opostos. Exu trabalha para todo mundo, sem preferências e hierarquias e, por conta de ser um mensageiro entre mundos, atuando como um comunicador ou mediador, tem conhecimento de tudo e precisa saber se os orixás e as orixás estão contentes com as oferendas destinadas a eles e a elas.

O conhecimento de tudo faz com que Exu tenha algumas importantes funções: transformar, promover mudanças, questionar regras e tradições. Ele “é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e,

³Para uma abordagem mais aprofundada sobre como incerteza e complementaridade de opostos dialogam com outras formas de conhecimento do mundo, ver “Jornalismo, incerteza e complementaridade de opostos: um diálogo compreensivo”. (KLAUTAU, 2018). Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/CAROLINA-MOURA-KLAUTAU-DE-ARAU%CC%81JO-FIGUEIREDO.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu.” (PRANDI, 2001a, p. 50). Ao mesmo tempo, Exu é encarregado de garantir a manutenção da vida por meio da sexualidade e da reprodução dos seres humanos. Ele tem a possibilidade de transformar, manter, ligar o mundo profano e o sagrado, ajudar e atrapalhar.

Sem Exu, o mensageiro, nada acontece no mundo: como é o encarregado da ligação entre Aiê e Orum e os orixás e as orixás podem interferir em tudo o que acontece (do cotidiano dos seres humanos aos fenômenos da natureza), sem a sua atuação nada pode ocorrer. “Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exu, nada é possível”. (PRANDI, 2001a, p. 50). E é exatamente esse caráter transformador do orixá que mais o diferencia dos demais deuses africanos e deusas africanas.

Não é pois de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. Exu carrega consigo qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do *status quo*, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela sexualidade e reprodução humana, mas ao mesmo tempo ele é o inovador que fere as tradições, um ente portanto nada confiável, que se imagina, por conseguinte, ser dotado de caráter instável, duvidoso, interesseiro, turbulento e arrivista. (PRANDI, 2001a, p. 50).

Mais uma vez, chamamos atenção para as possibilidades de Exu: conserva em si os princípios do movimento e da continuidade, do sagrado e do profano, da ligação entre o mundo dos deuses, deusas e dos seres humanos. Seu caráter dual, tão incompreensível para o pensamento hegemônico ocidental cristão, fez com que o orixá mediador de mundos fosse relacionado à figura do demônio pelos europeus cristãos colonizadores.

O sincretismo representa a captura da religião dos orixás dentro de um modelo que pressupõe, antes de mais nada, a existência de dois pólos antagônicos que presidem todas as ações humanas: o bem e o mal; de um lado a virtude, do outro o pecado. Essa concepção, que é judaico-cristã, não existia na África. (PRANDI, 2001a, p. 51).

O pensamento cristão, que opera dentro da lógica maniqueísta, relegou a Exu o contraponto à bondade de Deus, Jesus e do Espírito Santo. Até mesmo a representação do orixá sofreu transformações devido ao sincretismo religioso: o símbolo fálico, tão presente na representação iorubá do orixá, passa a ser escondido quando Exu é apropriado pelo cristianismo. Ele também ganhou chifres, rabos e pés de bodes que eram associados ao demônio no período medieval. (PRANDI, 2001a). A necessidade de o pensamento Ocidental criar um contraponto à Santíssima Trindade está relacionada à inquietude que nos causa a possibilidade de o mundo não caber em definições que, geralmente, são duais. Ou seja, sempre que existir o bem, precisa haver o mal, um herói não existe sem a presença de um vilão, etc.

Tanto nossa percepção sensorial como os processos de pensamento que usamos para organizar o mundo à nossa volta são restringidos por uma visão polarizada da realidade, que se baseia em opostos como dia-noite, frio-quente, macho-fêmea, etc. Devido a essas limitações, podemos oferecer apenas um pequeno número de argumentos lógicos que visam dar sentido àquilo que transcende essa polarização, o Absoluto de onde tudo se origina. (GLEISER, 2006, p. 9).

Afinal, Exu é santo ou demônio? Santo, demônio, ambos ou nenhum dos dois. O orixá da transformação não pode encerrar em si mesmo quaisquer dessas perspectivas, pois “as transformações de Exu ainda não se completaram: para seus

próprios seguidores, Exu é um enigma sempre mais intrincado”. (PRANDI, 2001a, p. 60). Um enigma também é se é possível superar a polarização do mundo, tão característica do pensamento ocidental. Mello e Almeida ensaiam essa tentativa de superação na esfera do jornalismo com os sentidos que tecem sobre o muro que separa a Vila Esperança de quem utiliza a Rodovia dos Imigrantes.

Reportar é tentar compreender

Na reportagem de Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017), tecida em diálogo com a epistemologia da compreensão, conhecemos o drama cotidiano daqueles e daquelas que são diariamente sacrificados e sacrificadas depois que um muro passou a proteger quem faz o trajeto do litoral Sul de São Paulo até a capital paulistana e vice-versa, de assaltos articulados por moradores e moradoras de Vila Esperança – comunidade localizada às margens da Rodovia. O que se vê é que sempre que um lado dos pares de opostos é valorizado, o outro tende a se aprofundar cada vez mais, como mostra a narrativa jornalística.

O prefeito de Cubatão, Ademário Oliveira (PSDB) – reeleito nas eleições municipais de 2020 – compara a situação da comunidade de São Paulo a dos sul-africanos no período do Apartheid:⁴ “você está separando quem tem de quem não tem da pior maneira, construindo muros. E isso nos assusta, né?” (MELLO, 2017, s.p.). O secretário de assistência social de Cubatão e morador de Vila Esperança, Sebastião Ribeiro, o Zumbi, reforça: “é uma atitude simplista, né? Você achar que um muro vai resolver tudo. Pode proteger em um certo momento, mas ele cria mais um sentimento de ódio, de intolerância”. (MELLO, 2017, s.p.).

As impressões de Oliveira e Zumbi nos dão a sensação de que na reportagem e na vida só podemos tentar compreender o mundo quando colocamos os opostos em diálogo, como a figura de Exu representa. (PRANDI, 2001a). No caso da tensão entre moradores e moradoras de Vila Esperança e usuários e usuárias da Imigrantes, parece que o diálogo também teria um efeito prático porque, como diz Zumbi: “nós temos dificuldades como toda comunidade. Mas se enfrenta essas dificuldades não é separando, criando muro, construindo um presídio”. (MELLO, 2017, s.p.).

O diálogo entre os pares de opostos inclusão e exclusão é a principal temática da reportagem. O trabalho de Mello e Almeida (2017) situa que é fundamental uma ligação entre os mundos – o de usuários e usuárias da Rodovia e o da comunidade de Vila Esperança – para que a liberdade e a dignidade sejam alcançadas. Na mitologia iorubá, essa ligação entre mundos é uma atribuição de Exu, o orixá da comunicação.

A narrativa expõe a complementaridade de opostos, tão característica das relações sociais e da vida humana. A vida é mais que uma relação dual de causa e efeito: é feita de nuances. Na própria Vila Esperança existe o “muro da vergonha”, aquele construído pela Ecovias e, também, o “muro do orgulho”, que foi erguido pela antiga concessionária da Rodovia, a *Rumo* (antiga ALL Logística), que separa a linha de trem que passa pela comunidade, ajudando a evitar acidentes. “A Rumo se comprometeu com algumas medidas compensatórias para conseguir a licença ambiental.” (MELLO, 2017, s.p.). Ela “asfaltou a via principal, construiu passarelas, reformou a ONG e equipou uma sala de informática com 18 computadores”. (MELLO, 2017, s.p.). Por outro lado, nenhuma negociação com a Ecovias, segundo a reportagem, foi realizada.

O “muro do orgulho” tem 3,5 quilômetros e é, aos poucos, colorido por moradores e moradoras da comunidade nas aulas com o grafiteiro Tuim, que vive numa favela próxima. Ao contrário do “muro da vergonha”, que pegou todo mundo de surpresa, o “muro do orgulho” foi planejado – e esse sim consegue trazer alguma sensação de segurança para quem vive na comunidade.

O “muro do orgulho” e o “muro da vergonha” ilustram bem o diálogo com o par de opostos da inclusão e da exclusão: uma barreira de cimento e tijolos, ela

⁴Entre 1948 e 1994, sul-africanos viram o racismo virar lei durante o Apartheid, regime que retirou uma porção de direitos da população negra, a maioria no país. Casamentos e relações sexuais interraciais foram proibidas, pessoas negras não eram autorizadas a frequentar os mesmos locais que as brancas, o voto foi proibido para aquela parcela da população que precisava portar, sempre, um cartão de identificação que deveria ser apresentado à polícia sempre que fosse demandado. O movimento pelo fim do Apartheid foi liderado por Nelson Mandela, que acabou preso por 27 anos. Em 1994, quando o regime chegava ao fim, Mandela foi eleito presidente da África do Sul, quatro anos após sair da prisão.

mesma, não é o problema, mas o contexto em que ela foi construída. Só é possível atribuir juízos de valor a um muro se houver uma mirada para a complexidade do entorno em que ele foi construído. Uma barreira física, por si só, é impossível de classificar dentro de uma perspectiva complexa e compreensiva – assim como Exu, representante do princípio da complementaridade de opostos. O orixá é movimento, transformação, permanência, manutenção. O muro é da vergonha, do orgulho, traz segurança e insegurança. Tudo isso a depender do contexto, do olhar e da complexidade da situação.

Um exemplo: para a dentista Mariana Salgado e para a Oficial de Patrulhamento Rodoviário, tenente Vanessa Fernandes, o muro oferece proteção e o número de ocorrências diminuiu depois de sua construção; já para a vendedora ambulante, Elza Maria da Silva, como a população está cada vez mais excluída e empobrecida, quem quiser pular o muro e assaltar os carros na Rodovia vai fazer isso sem se importar com a altura da construção – ou seja, não há nenhuma proteção, apenas segregação.

Cabe aos narradores e às narradoras do cotidiano uma perspectiva dialógica e complexa para trazer essas nuances para o texto jornalístico – como Mello (2017) faz. Uma reportagem que não estabelece diálogo com a complementaridade de opostos, poderia ser recheada de maniqueísmos sobre o muro (da “vergonha” ou do “orgulho”, que protege ou que causa mais insegurança, que é certo ou errado). Acontece é que sob o signo da compreensão, que aparece no texto jornalístico em questão, mais vale mostrar o fato, apresentar as nuances e colocar os opostos em diálogo.

A forma como Patrícia Campos Mello encadeia essas perspectivas faz com que entendamos que todas elas são faces complementares de um mesmo problema. Na reportagem existe uma preocupação de apresentar os pares de opostos – o muro que é bom e ruim; a pobreza e a riqueza; o certo e o errado; a segurança e a insegurança – como visões plurais sobre um assunto extremamente complexo. A narrativa também evidencia que é importante colocar as dualidades em diálogo e jamais anulá-las.

Outra relação que pode ser estabelecida entre a complementaridade de opostos, representada por Exu, e a reportagem de Mello e Almeida (2017) é o jogo entre aquilo que se mostra e o que se esconde, entre luz e sombra. As narrativas míticas de todos os lugares do mundo vivem numa relação de luz e sombra: sempre que algo é revelado, uma outra coisa é, ao mesmo tempo, escondida. Na reportagem sobre a Imigrantes e Vila Esperança algo muito próximo disso ocorre: a complementaridade de opostos se faz presente, mas não no sentido de excluir uma perspectiva ou outra, mas de incluir visões opostas sobre uma mesma situação, numa tentativa não de explicação ou definição, mas de compreensão, para revelar as complexidades que envolvem os protagonistas sociais do cotidiano. (MEDINA, 2003).

Indo mais adiante, o próprio fazer de uma reportagem jornalística que tece um olhar complexo para o cotidiano está em sintonia com a epistemologia de Exu: assim como o orixá, o jornalismo tem como função social a transformação, a possibilidade de provocar mudanças, de questionar as regras, de colocar aquilo que se entende como realidade em movimento.

Na tessitura de sentidos que revela a complexidade da situação representada na reportagem, há quem deteste o muro construído pela Ecovias, como Luzia da Silva, porque ele diminuiu drasticamente o comércio ambulante da região, e quem, por não ter nenhum vislumbre de uma vida melhor, acredite que o paredão de concreto, na verdade, não faça nenhuma diferença – Xambito se enquadra nesse segundo grupo.

Ele cursou o colégio até a quinta série, trabalhou na construção civil, em feiras e chegou a se envolver com o tráfico de drogas. Mas agora Xambito tem um filho de três anos, precisa pagar pensão e não quer mais voltar para a “vida errada”. “Fumar, jogar bola e tomar emprestado o wi-fi do barraco vizinho para entrar no

WhatsApp e no Facebook – é esse o dia a dia de Xambito e da maioria de seus amigos em Vila Esperança”. (MELLO, 2017, s.p.). Para um jovem que nunca teve tantas oportunidades de emprego antes do muro, por que a construção de uma barreira física faria diferença em sua vida? Mello (2017) ouve as vozes dos “não-olimpianos” (KÜNSCH, 2000, p. 20) e tece os múltiplos sentidos numa tentativa de compreensão – e não de explicação – das histórias de vida.

Muito mais do que ir atrás de definições, Mello (2017) olha para o fato com uma mirada compreensiva, com uma atitude de quem está mais preocupada com as perguntas fortes do que com as respostas fracas (SANTOS, 2008b) para o drama cotidiano que está sempre em transformação.

Drama, aliás, que não fica limitado à vida de usuários e usuárias da Imigrantes, nem às mais de 25 mil pessoas que residem na Vila Esperança, mas de todos esses atores sociais. Segundo o prefeito de Cubatão, na comunidade “não tem nenhum tipo de serviço de infraestrutura. Você não tem saneamento básico, não tem coleta de esgoto... As pessoas vivem lá numa situação calamitosa”. (MELLO, 2017, s.p.). Ironicamente, é na praia em que desaguam os dejetos de Vila Esperança que visitantes do litoral de São Paulo se banham – muitos e muitas, aliás, são usuários e usuárias da Imigrantes. O que essa situação revela é que o drama cotidiano afeta de formas diferentes, mas ao mesmo tempo, aqueles e aquelas que trafegam pela rodovia e quem vive na comunidade.

Ao final da reportagem, Mello e Almeida (2017) podem frustrar leitores e leitoras mais acostumados e acostumadas com a explicação do mundo pelo jornalismo, pois depois de apresentar dados, entrevistas e estatísticas, restam várias perguntas sem respostas. Talvez a principal delas seja se o muro realmente protege alguém ou não. A sensação de incerteza pode até causar uma certa angústia.

Para o prefeito de Cubatão, a barreira foi construída para “em tese, garantir a segurança do usuário, o que é uma falsa impressão. Recentemente, um jovem morreu com uma pedrada da própria obra” (MELLO, 2017, s.p.) que foi arremessada por uma pessoa que subiu no muro. Como um contraponto, temos a perspectiva da tenente Vanessa Fernandes, para quem o muro diminuiu a quantidade de assaltos e outros tipos de violência nesse trecho da rodovia.

Não há afirmação de nada, garantia de nada, explicação de nada. Mas, sim, um plurólogo (MEDINA, 2003) com a incerteza e a complementaridade de opostos para tentar compreender esse mundo que é a nossa casa.

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, tentamos sentir o mundo como nossa casa. (ARENDT, 2008, p. 330).

Não estabelecer as certezas, estar aberto e aberta para enxergar a transformação da realidade, ver as perspectivas diferentes como complementares e não excludentes, faz parte daquilo que temos chamado, a todo momento, de uma epistemologia e atitude compreensivas que persegue a complexidade que envolve os protagonistas sociais do cotidiano (MEDINA, 2003).

Considerações possíveis

O Capítulo II, Art. 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁵ afirma que é dever do profissional “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos”. (FENAJ, 2007, p. 1). Ao tocar no tema sensível e urgente dos excluídos de Vila Esperança, a partir de uma mirada complexa e que tenta compreender o Outro, Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida (2017) trabalham para que a história

⁵Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.

de Xambitos, Luzias e Elzas saiam de uma situação de invisibilidade e provoquem o olhar de quem apenas enxerga muros, onde existe gente.

O plurólogo (MEDINA, 2003) com a incerteza e a complementaridade de opostos é uma das estratégias narrativas que enriquecem a reportagem estudada ao fazer refletir sobre as desigualdades, ao apresentar a pluralidade de vozes, nuances e perspectivas que compõem o fato, fazendo com que seja possível perceber a complexidade dos problemas contemporâneos. Como a narrativa mostra, a segregação e o favorecimento de um dos lados dos pares de opostos complementares, pouco acrescenta a possíveis soluções para o problema da segurança e da falta de uma condição digna de vida. Pelo contrário: a tendência é o agravamento de desigualdades.

Mello e Almeida (2017) deixam bastante nítido que a vida é feita, muito mais, de “e” do que “ou” (ou seja, de inclusão do que de exclusão): muros podem proteger e não proteger, podem trazer segurança e insegurança também. O que importa, ao jornalismo, é apresentar as vozes plurais, complementares, conflitivas, levantar as incertezas que emergem na contemporaneidade e reportar o drama dos protagonistas sociais do cotidiano. (MEDINA, 2003). Quanto mais visões diferentes repórteres buscarem, maiores as chances de conseguirem capturar a complexidade do cotidiano e maiores serão as chances de reconhecerem que a contemporaneidade é feita mais de perguntas do que de respostas – e que seres humanos são feitos de luz e sombra ao mesmo tempo.

Ao levar em consideração as noções de incerteza e complementaridade de opostos, jornalistas dialogam com duas formas ancestrais de conhecimento do mundo, representadas na mitologia iorubá por Exu, e podem se aproximar de um esforço de compreensão dos problemas que nos atravessam.

Se a matéria-prima do jornalismo é a contemporaneidade, como o próprio jornalismo pode definir e explicar fatos que estão em constante transformação? Como fechar os sentidos do presente, se o próprio presente é alterado a cada segundo? Não seria melhor buscar inspiração em Exu e possibilitar a ligação entre visões opostas, criando pontes entre as diferentes perspectivas que compõem o mosaico de vozes que fazem parte do cotidiano? Não ganha mais o jornalismo quando sabe dialogar com a complementaridade de opostos, pois fica livre da necessidade de definição e pode fugir de uma atitude maniqueísta?

A atitude e o esforço de enxergar a complexidade, além da epistemologia da compreensão (que abraça a incerteza e a complementaridade de opostos), são tentativas de nos fazer ficar em paz com o mundo que é nossa própria casa e de conhecê-lo melhor. E o jornalismo, quando munido da tentativa de compreender o tempo presente, está mais próximo de cumprir seu papel social, que é o de orientação diante de um cotidiano caótico.

Referência

ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**. São Paulo: Cultrix, 2013.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

FENAJ, FNJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KLAUTAU, Carolina Moura. **Jornalismo, incerteza e complementaridade de opostos: um diálogo compreensivo**. 268f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2018.

KÜNSCH, Dimas Antônio. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 41-50, dez. 2009.

KÜNSCH, D. A. *Compreendo ergo sum*: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, v. 5, n. 1, p. 43-54, 1º sem. 2005.

KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume, 2000.

KÜNSCH, Dimas Antônio *et al.* (Orgs.). **Produção de conhecimento e compreensão**. São Paulo: Uni, 2017.

KÜNSCH, Dimas Antônio; KLAUTAU, Carolina Moura. Jornalismo e compreensão: uma aposta na ciência que está por vir. In: IX SEMINÁRIO ALAIC CONESUL, 2017, Goiânia. IX Seminario de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia, 2017, p. 1570-1587. **Anais** [...] Disponível em: <http://alaicconesul.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2018/10/Anais-Alaic-Cone-Sul-2017.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

KÜNSCH, Dimas Antônio; MENEZES, José Eugênio; PASSOS, Mateus. Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como método. In: Encontro Anual da Compós, 26, 2017, São Paulo. **Anais** do 26º Encontro Anual da Compós. São Paulo: Compós 2017, p. 1-23. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_VM6PB76816RZN2YHLBIA_26_5809_24_02_2017_09_56_35.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.

LANGER, Susanne. **Filosofia em nova chave**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. (Org.). **A crise dos paradigmas**: 1º Seminário Interdisciplinar. São Paulo: ECA/USP, 1991.

MELLO, Patrícia Campos. À beira da estrada, a pobreza se esconde e o crime prospera. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 jul. 2017. Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/mundo/2017/um-mundo-de-muros/brasil/excluidos/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Contracapa. *In*: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 46-53, jun./ago. 2001a.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 11-43, mar. 2008b.

SÉRIE 'UM MUNDO de muros', da Folha, vence prêmio da Cruz Vermelha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 26 out. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1930334-serie-um-mundo-de-muros-da-folha-vence-premio-da-cruz-vermelha.shtml?origin=folha>. Acesso em: 17 ago. 2020.

VALLET, Élisabeth. Globalização gerou insegurança e, ao invés de derrubar, reforçou fronteiras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 set. 2017. Ilustríssima. Entrevista concedida à Patrícia Campos Mello. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/09/1918764-globalizacao-gerou-inseguranca-e-ao-inves-de-derrubar-reforcou-fronteiras.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2020.

VALLET, Élisabeth. (Org.). **Borders, fences and walls: state of insecurity?** Farnham, Reino Unido: Ashgate Publishing, 2014.